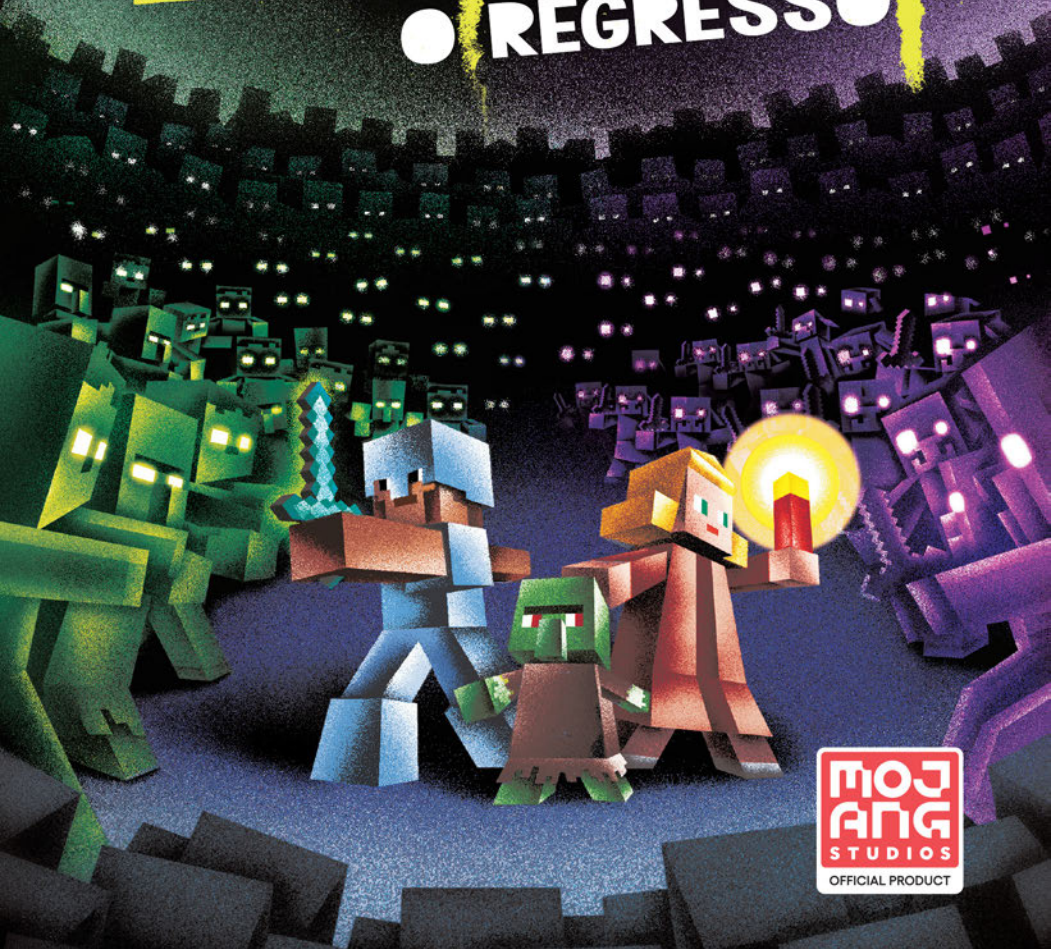


# MINECRAFT ZOMBIES! ● REGRESSO ●



NICK ELIOPULOS

*Para a minha família,  
cada vez mais numerosa*

## CAPÍTULO 1

**A** noite estava escura e cheia de mobs hostis.

O Ben conseguia ouvi-los, mesmo fora do alcance da luz das tochas acesas. Ouviu passos arrastados, o bater de ossos e, ao longe, baixinho, um gemido inumano.

Os instintos do Ben gritavam-lhe para dar meia-volta, para voltar para dentro... para fugir daqueles estranhos ruídos noturnos.

Em vez disso, avançou na sua direção.

Tremeu de medo ao abandonar o seu pequeno círculo de luz. A luz era criada pelas tochas que ele tinha posto à volta do seu modesto abrigo. A casa atarracada feita de pedra e terra não era nada impressionante. Mas, sob a luz quente e amarela das tochas, parecia uma ilha confortável e acolhedora no meio de um oceano de escuridão.

O Ben odiava abandonar o seu pequeno oásis. Mas, mesmo sem as tochas, conseguia ver bem o suficiente. A lua brilhava forte e as planícies estendiam-se à sua volta, com apenas uma

árvore ou outra a obstruírem a linha de visão. Com um pouco de sorte (e dando bom uso aos seus dotes furtivos), talvez conseguisse evitar os monstros que vagueavam pela noite.

À frente, viu olhos vermelhos a brilharem. Eram os olhos de uma aranha. Agachou-se e permaneceu completamente imóvel. Ficou a observar por um momento, para tentar perceber se a dona daqueles olhos vermelhos também o tinha visto a ele. Mas ela moveu-se de forma estranha, afastando-se para oeste.

O Ben foi para leste.

Não era como se o Ben estivesse indefeso. Já tinha sobrevivido a bastantes lutas. Estava equipado com uma espada e um escudo de ferro e uma armadura também de ferro. Não era propriamente o melhor equipamento que alguma vez tinha usado, mas era bom o suficiente para lhe dar vantagem contra qualquer mob do Overworld que pudesse encontrar.

Mas, numa noite como esta, numa planície aberta, uma batalha atrairia demasiadas atenções. Poderia ficar facilmente em desvantagem numérica. O melhor seria manter a discrição e evitar o combate, se possível.

Tudo isto teria sido muito mais fácil com um parceiro do seu lado. Mas agora as coisas eram diferentes. Atualmente, o Ben não era bem um aventureiro... mas mais uma ama-seca...

E nem sequer se estava a safar bem nessa tarefa.

— Johnny? — sussurrou ele. — Johnny, estás aí?

Como se em resposta, voltou a ouvir-se o mesmo gemido baixo de antes, mas agora mais próximo. O Ben espreitou por entre a escuridão, examinando o horizonte. À meia distância, viu a silhueta de uma figura humanoide. Não dava para

perceber muitos detalhes à luz da lua, mas conseguia distinguir os braços esticados e o doentio tom esverdeado da pele.

Era um zombie. Mas seria o zombie que o Ben procurava?

Aproximou-se mais um pouco antes de voltar a sussurrar.

— Johnny, és tu?

A resposta veio na forma de um rosnido. Um rosnido... e um ataque súbito e feroz.

O Ben agiu por instinto, saltando para trás ao mesmo tempo que desferia um golpe com a espada em frente. O movimento manteve-o fora do alcance do zombie e provocou algum dano à criatura.

A esta distância, e à luz da lua, conseguia ver claramente que este não era o zombie que procurava. E ainda bem, porque era suposto manter o Johnny em segurança em vez de atingi-lo com uma espada.

Mas com este zombie? Com este zombie o Ben podia lutar sem preocupações.

Desferiu uma estocada e um corte na vertical e afastou-se, tendo cuidado para se manter fora do alcance do mob. Após passar tanto tempo a evitar problemas, sabia-lhe *bem* libertar-se.

Mas o Ben estava destreinado. Avaliou mal o tempo da sua última estocada e o golpe do zombie atingiu-o em cheio no peito. Recuou aos tropeções. Mesmo através da couraça, a dor era bem forte.

— Que falta de educação! — exclamou ele, soltando um golpe de espada. O zombie caiu, derrotado, e deixou para trás um farrapo de carne podre. O Ben sabia que era comestível,

e os seus mantimentos estavam a acabar, mas ele não estava assim *tão* desesperado. Ainda não.

Ali perto ouviu-se outro grunhido. Tal como ele temia, a batalha tinha atraído atenções indesejadas. Virou-se, de espada erguida...

E parou mesmo a tempo.

— Johnny! — disse ele. — Quase que te cortei ao meio. Bebé mau!

O mob que estava à sua frente era, na verdade, um bebé... mas não era um bebé normal. O Johnny tinha sido mordido durante um ataque de zombies e tinha-se transformado num dos mortos-vivos. A sua pele era verde, os seus olhos vermelhos brilhavam sob espessas sobrancelhas negras e as suas roupas estavam sujas e esfarrapadas. E também usava uma trela, que o Ben agarrou imediatamente.

O Johnny rosou e tentou morder a mão do Ben.

— Ei! Nada disso! — ralhou o Ben. — Lá porque a tua irmã não está aqui, não quer dizer que vamos voltar às dentadas. Comporta-te.

O Johnny voltou a rosar, mas de forma mais baixa e acanhada, o que aos ouvidos do Ben pareceu quase um pedido de desculpa.

Ou talvez um rosnido fosse apenas um rosnido, e o Ben andasse a passar demasiado tempo com zombies.

Já tinha encontrado muitos aldeões zombies antes, e esses confrontos normalmente terminavam em lutas, das quais apenas o Ben sobrevivia. Mas tinha criado um laço estranho e especial com o Johnny. Para isso também tinha contribuído

o facto de a irmã mais velha do Johnny, a Bobbie, ter, de alguma forma, ensinado boas maneiras básicas ao seu irmãozinho.

Quando se conheceram, a Bobbie tinha contratado o Ben para ajudá-la a encontrar uma cura para o irmão. Mas eles tinham-se separado, e a última coisa que a Bobbie tinha dito ao Ben era que ele estava encarregado da segurança do Johnny.

O Ben gostava tanto de responsabilidade como os zombies da luz do sol. E, por falar nisso...

— Temos de voltar para casa — afirmou, e desta vez pegou na trela do Johnny sem qualquer queixa por parte do jovem zombie. — O sol está quase a nascer. Por isso, a menos que queiras usar o teu chapéu especial...?

O Ben pegou numa abóbora esculpida. Quando usada como um capacete, a abóbora mantinha o Johnny protegido da luz solar, mas o pequeno zombie odiava usá-la. Assim que viu a abóbora, rosnou e resmungou, puxando pela trela como se estivesse a tentar afastar-se.

— OK, a abóbora vai voltar para o meu inventário! — garantiu o Ben. — Mas então temos de voltar para casa agora mesmo. A Bobbie nunca nos encontrará se nos afastarmos muito. E nunca me perdoará se te deixar pegar fogo. E talvez eu até me sentisse um bocadinho mal.

Ao ouvir o nome da irmã, o Johnny soltou um gemido baixo e lamurioso. Voltou a puxar pela trela, mas desta vez mais suavemente. Não estava a tentar escapar ao Ben, estava a tentar puxá-lo pela planície.

— Então foi por isso que te afastaste — disse o Ben. — Tens saudades da tua irmã, é isso? Queres ir encontrá-la?

O grunhido do Johnny parecia quase um ronronar.

— Desculpa, amigo — respondeu-lhe logo o Ben. — O Overworld é demasiado grande. Ela pode estar em qualquer lugar. — E abanou a cabeça. — Temos de ficar onde estamos e acreditar que *ela* vai conseguir encontrar-nos a nós.

O Johnny parecia quase estar a fazer birra no regresso ao abrigo. Arrastava os pés, ignorando os pedidos do Ben para se apressar. Obviamente, o Johnny não tinha nada a temer durante a noite. Os monstros do Overworld viam-no como um deles; já o Ben era visto como uma potencial refeição. E bem saborosa!

— Estamos quase em casa — sussurrou o Ben. — Vamos descansar e as coisas parecerão melhores de ma... ooh, um tesouro!

Mesmo face ao perigo e à incerteza, o Ben mantinha sempre o espírito de um aventureiro. E os aventureiros adoravam tesouros.

— Um pequeno desvio não fará diferença — argumentou ele.

Nunca tinha passado por este sítio. Aquilo que ele julgava ser, ao longe, uma simples árvore era na verdade um arco de pedra e obsidiana. Parecia quase um portal, mas incompleto... ou talvez tivesse ficado em ruínas. Não tinha as ferramentas necessárias para recolher a obsidiana, mas havia um baú encostado à estrutura. Os seus conteúdos, independentemente do que fossem, estavam à mão de semear.

Levantou a tampa e quando viu um brilho dourado, o seu coração deu um pulo. Por segundos, pensou que tinha encontrado uma maçã dourada: um ingrediente essencial para curar o Johnny.



Mas estava enganado. O baú não guardava uma maçã dourada, mas antes uma cenoura dourada.

— Será que tem o mesmo efeito? — perguntou o Ben em voz alta, e pegou na cenoura para entregá-la ao Johnny. Mas o jovem zombie afastou o vegetal dourado com uma palmada.

— Pois, provavelmente não — disse o Ben, e guardou a cenoura no inventário.

Depois de deixarem o portal em ruínas para trás, foi fácil encontrar o abrigo. Numa noite como esta, as suas luzes eram visíveis bem ao longe.

Conforme voltaram a entrar no brilho das tochas, o Ben sentiu-se aliviado. Finalmente, estava seguro de novo. Podia parar de olhar sobre o ombro com receio de uma emboscada.

Mas na verdade, tinha baixado a guarda demasiado cedo.

A luz das tochas impedia novos monstros de serem gerados. Mas nem sempre mantinha afastados os monstros que já vagueavam pela noite. E um desses monstros tinha-se aproximado do abrigo. Conforme virou a esquina e se aproximou, este monstro deu a conhecer a sua presença... com um súbito s-s-s-sibilar.

— Creeper! — gritou o Ben. — Para trás!

O Ben posicionou-se entre o creeper e o Johnny, empurrando o jovem zombie para trás em segurança conforme o creeper explodiu. Sentiu o impacto da explosão nas costas ao longo da armadura de ferro, mas conseguiu manter-se de pé. Se ele tivesse sido mais lento, tanto ele como o Johnny poderiam ter sido eliminados. Desta vez, a sorte estava do seu lado.

— Estás bem? — perguntou o Ben, e o Johnny resmungou.

O Ben virou-se para examinar os estragos provocados pela explosão do creeper. Eram bem extensos. Metade do abrigo tinha desaparecido, e os escassos pertences do Ben (os recursos que ele tinha conseguido juntar durante o dia e guardado num simples baú de madeira) estavam espalhados pelo chão. Onde tinha estado o creeper, havia agora um buraco no chão, e as tochas mais próximas tinham desaparecido, com a sua luz consequentemente apagada. Podiam surgir mais monstros a qualquer altura.

— Estamos tramados — disse o Ben. — Não tenho os materiais de que preciso para fazer um abrigo melhor. — E virou-se para olhar para o Johnny. — E não consigo manter-te *a ti* debaixo de olho e juntar os recursos ao mesmo tempo.

O Ben espreitou pelo buraco que a explosão havia feito. No subsolo ele conseguia ver a linha para carrinhos de mina que os tinham trazido até aqui. Ele lembrou-se de onde essa linha levava.

— Mas sei onde podemos encontrar um abrigo a sério. — O Ben sorriu e depois virou-se para dar uma palmada nos ombros do Johnny. — O Logan já não está a usar a fortaleza dele. E se tu e eu nos mudássemos para lá?

O Johnny tentou morder a mão do Ben e ele retirou-a rapidamente.

O Ben tinha quase a certeza de que aquela era a forma de o Johnny dizer: «Boa ideia, Ben. És o melhor. Vamos em frente!»

## CAPÍTULO 2

**A** em longe dali e em movimento, a Bobbie tinha os seus próprios problemas.

A luz do sol era uma memória distante e o sono um conceito estranho. Estava a marchar por um túnel subterrâneo escuro há... nem ela sabia quanto tempo. Há quanto tempo é que se tinha separado do Ben e do seu irmão? Há quanto tempo é que tinha decidido seguir o seu inimigo enquanto ele marchava à cabeça do seu exército pelo meio das trevas? Ela não sabia a resposta.

Mas também não estava ali ninguém para lhe fazer a pergunta. A Bobbie estava sozinha, verdadeiramente sozinha, pela primeira vez na vida.

Pensou no irmão. Lembrou-se dele como era antes: um bebé encantador, por vezes frustrante e indisciplinado, que adorava saltar em cima das camas e de receber flores do golem da aldeia. E depois, lembrou-se dele como era agora: de pele

verde, meio desvairado, propenso a dar dentadas. Um zombie. E tudo por causa da ganância descontrolada de uma única pessoa: um aventureiro chamado Logan.

O Logan estava à frente dela neste mesmo túnel. A única coisa que separava a Bobbie do seu inimigo... era cerca de 300 zombies.

Ou talvez fossem apenas 200. Na verdade, não tinha tido a oportunidade de contá-los. Tudo o que sabia é que eram bastantes. O Logan tinha-os juntado de várias partes do mundo, prendendo zombies selvagens e depois usando-os para infectar aldeões. A Bobbie tinha-o visto em primeira mão. Testemunhou-o enquanto a sua família, os seus amigos e os seus vizinhos tinham sido transformados, infectados, tal como o irmão. E agora estavam no meio da grande horda de mortos-vivos que o Logan liderava através deste túnel enorme, aparentemente infinito, a caminho de... algures. *Mas não devia ser com boas intenções*, pensou a Bobbie.

Embora seguindo o Logan, manteve alguma distância. Se os zombies a descobrissem, se se virassem e a atacassem em grupo, ela não iria resistir por muito tempo contra todos aqueles inimigos. E não fazia ideia de quão aguçados seriam os sentidos de um zombie. Será que a conseguiriam cheirar se ela se aproximasse? Conseguiriam vê-la no escuro? Não fazia ideia.

Por isso, era preciso ter cuidado. Ser prudente. Mas, acima de tudo, não podia deixar os zombies escaparem. Se escapassem, ela poderia nunca mais voltar a encontrá-los.

E perderia os seus amigos e vizinhos para sempre.

Ouviu-se um som, que ecoou pelo grande túnel. Desta vez, não era o gemido de um zombie, que se ouvia com frequência.

Era o som de uma trompa. A Bobbie sabia que aquele era o sinal para cessar a marcha e descansar. E isso significava que estava prestes a ter companhia.

Olhou em volta à procura de um esconderijo, mas esta parte do túnel tinha sido esculpida por mãos humanas. Não havia nichos nem estalagmites que pudessem servir de esconderijo, apenas paredes lisas e regulares. Ela teria de criar o seu próprio esconderijo e rápido.

Armada com uma picareta, a Bobbie abriu rapidamente um buraco estreito na parede, apenas com um bloco de largura, dois blocos de altura e três blocos de profundidade. Depois de entrar no esconderijo, a Bobbie substituiu uma das pedras que tinha desfeito, de forma a ficar meio escondida e obscurecida pelas sombras. Assim, seria muito difícil detetá-la, e ao mesmo tempo, ainda poderia ver o que se iria passar.

Observou enquanto uma figura rápida surgia das sombras. A figura manteve-se fora do alcance imediato da horda de zombies enquanto punha vedações em redor dos mortos-vivos. Estava demasiado escuro para ver com grande detalhe, mas a Bobbie conseguia perceber que a figura tremia de medo. Tinha um conjunto completo de armadura de couro, e sabia claramente que isso não seria suficiente para mantê-la em segurança se a horda a apanhasse.

A figura chamava-se Ben. Mas não era o Ben *dela*; não era o amigo que ela tinha deixado para trás para tomar conta do irmão. Este era o rapaz que a Bobbie identificava como o «Outro Ben». Ele era o suposto «escudeiro» do Logan (na verdade, era mais o seu criado) e parte do seu trabalho era manter os zombies

a moverem-se na direção certa. Isso implicava atraí-los com ovos de tartaruga durante o dia e montar uma barreira para impedir que os mobs deambulassem à noite.

Então, deve ser de noite, raciocinou a Bobbie. E ela sentia-se cansada o suficiente para descansar. Viu o Outro Ben a pôr, apressado, a última parte da vedação, ligando-a à parede de pedra. O capacete de couro estava sempre a escorregar-lhe da cabeça e ele endireitava-o teimosamente.

— Meu, porque estás a demorar tanto? — Era o Logan, que contornava a vedação improvisada com um olhar de irritação na cara. Também vestia uma armadura, mas de diamante. O capacete servia-lhe na perfeição.

— Já acabei! — respondeu o Outro Ben. — A vedação está terminada!

— Até que enfim — afirmou o Logan. — E não te esqueças de desmontá-la de manhã, ouviste? A madeira não cresce nas árvores, sabes.

— Sim, eu sei — disse o Outro Ben.

O Logan soltou uma gargalhada seca.

— Hã, a madeira cresce *mesmo* nas árvores. Era uma piada. Anima-te, miúdo.

O Logan deu uma palmada nas costas do Outro Ben de uma forma que parecia quase amigável, mas com mais força do que seria necessário. O Outro Ben fez uma careta e o seu capacete voltou a entortar-se.

— Trata do jantar, está bem? Estou esfomeado — disse o Logan, e deu meia-volta para regressar para a frente da horda de zombies.

Do seu esconderijo, a Bobbie viu o Outro Ben a suspirar. Ele endireitou o capacete e depois montou uma cama, uma fornalha e um baú.

A Bobbie desejou poder fazer o mesmo. Até pensou em escavar um pouco mais, de forma a esculpir uma pequena sala para si, com espaço para uma cama. Mas o perigo de adormecer era demasiado grande. E se o exército do Logan tivesse desaparecido quando ela acordasse? Como é que poderia ter a certeza de que conseguiria voltar a apanhá-los?

No fim de contas, decidiu que não podia correr o risco de dormir. Nem de acender uma fornalha, porque o fogo poderia atrair atenções indesejadas. Por isso, voltaria a jantar comida fria e a passar a noite em claro, a ouvir os gemidos e os grunhidos da horda ali perto.

Mas uma coisa era certa: os sons de todos aqueles zombies juntos, ali, a poucos blocos de distância, eram arrepiantes o suficiente para a impedir de adormecer.

Ao preparar-se para a noite, voltou a olhar para o Outro Ben. Ele estava a organizar os seus pertences, a transferir alguns artigos do baú de madeira simples. Quando tirou um ovo de tartaruga do inventário, os zombies por perto ficaram loucos, esforçando-se para derrubar a vedação de madeira. O Outro Ben saltou para trás, como se estivesse inseguro se a vedação seria capaz de segurar os mortos-vivos. Não tardou a guardar o ovo.

A Bobbie não sabia porquê, mas os zombies detestavam mesmo os ovos de tartaruga. Quando viam um, faziam tudo o que podiam para esmagá-lo.

Era assim que o Logan mantinha o seu exército de mortos-vivos em movimento. Eles seguiam os ovos de tartaruga... que o Outro Ben, assustado de morte, ia mantendo fora do alcance dos zombies.

A Bobbie achou isto interessante.

— Acho que estou a *chocar* um plano — sussurrou ela para si própria, e riu-se com o seu trocadilho. Depois, suspirando, pensou que o Ben — o *seu* Ben — ter-se-ia rido desta piada.



## CAPÍTULO 3

**O** Ben teria preferido viajar pela superfície, à luz do sol. Mas o Johnny não queria usar o capacete de abóbora esculpida que o protegeria dos raios nocivos do sol (não que o Johnny se tivesse expressado em voz alta, mas os grunhidos, os rosnares e o ranger de dentes tornavam claro a sua opinião). E viajar pela superfície durante a noite podia trazer todo o tipo de problemas. Se o Ben se envolvesse numa luta, será que o Johnny o ajudaria, tal como fazia quando a irmã estava por perto? Será que o Ben teria de se preocupar em manter o jovem zombie seguro no meio do caos? Ou será que o Johnny aproveitaria a oportunidade para fugir do Ben e desaparecer por entre a noite?

Feitas as contas, a escolha era óbvia. O Ben e o Johnny teriam de viajar pelo túnel. O túnel era-lhes familiar. Felizmente, havia tochas para impedir a geração de mobs hostis... e uma linha ferroviária que os levaria direitinhos até ao seu destino.

— Pode haver todo o tipo de tesouros debaixo dos nossos pés, sabias — disse o Ben. — Esmeraldas e redstone e diamantes. Coisas que poderia usar, para fazer equipamentos melhores. — E ergueu a sua picareta de ferro. — Talvez devêssemos fazer um pequeno desvio? Escavar um pouco e ver o que conseguimos encontrar?

— Grarr — respondeu o Johnny.

O Ben suspirou.

— Quem me dera que soubesses falar. Nem que fosse para discordar do que eu digo. — O Ben sorriu. — A tua irmã estava sempre a discordar comigo! Às vezes, enervava-me. Mas era melhor do que caminhar em silêncio.

— Muarr! — exclamou o Johnny.

— Mas talvez o silêncio seja melhor do que ruídos inumanos — respondeu o Ben.

Embora o tivesse sugerido, ele não se atreveria a parar para minerar. O problema principal era óbvio (quanto mais fundo ele escavasse, mais perigoso seria), mas além disso, se o Ben perdesse a linha de vista, ele poderia nunca mais encontrá-la. E se isso acontecesse, provavelmente não seria capaz de encontrar o Forte Putrefação.

O Logan (o ex-parceiro traidor, antigo amigo e a atual pessoa menos preferida do Ben) tinha construído a fortaleza, bem como uma extensa rede de túneis que levavam à mesma. Ambas eram parte essencial do seu plano louco para criar um exército de mortos-vivos. O Ben e a Bobbie tinham tentado travá-lo, mas acabaram por se separar, com a Bobbie a ficar para trás na esperança de seguir o Logan e curar os zombies.

Ela tinha enviado o Ben e o Johnny para um lugar seguro num carrinho de mina automático de alta velocidade, entregando o seu irmão zombificado aos cuidados do Ben.

Quando o carrinho de mina finalmente chegou ao seu destino, o Ben tinha construído uma pequena estrutura na superfície, rodeando-a com suficientes tochas de forma a fazer um farol, visível de bem longe. Tinha partido do princípio de que a Bobbie regressaria para junto deles e queria ter a certeza de que ela conseguiria encontrá-los.

Mas já tinham passado muitos dias e não havia sinais da Bobbie. Com o Johnny a sentir-se cada vez mais inquieto, o Ben foi ficando cada vez mais preocupado. Onde é que a Bobbie se tinha enfiado? O que poderia estar a afastá-la do seu irmão, que ela adorava com todas as suas forças? Como é que ela poderia travar o Logan sem a ajuda do Ben, que tinha muito mais experiência em combate do que ela e que já tinha visto praticamente todos os biomas do Overworld?

O Ben estava a considerar todas estas questões quando ele e o Johnny se depararam com o final do túnel.

— Olha, isto é novidade — disse o Ben. Tinha contado entrar na fortaleza diretamente a partir do túnel, mas alguém tinha construído ali uma parede: uma barreira negra brilhante. — Obsidiana — replicou ele, passando uma mão pelo material ultrarresistente. — E eu só tenho uma picareta de ferro. Vai ser um processo lento... e ruidoso. Não sei quanto a ti, mas eu preferia não anunciar a nossa presença para já. — E olhou para o Johnny. — Vamos ter de subir. A menos que tenhas outra ideia?

— Gaaar — entoou o Johnny.

— Vou partir do princípio de que a decisão é unânime — respondeu o Ben. — Vamos lá subir.

Construir uma escadaria básica e abrir um buraco no teto de pedra do túnel foi uma tarefa simples. Felizmente, a noite já tinha caído. A luz do sol queimava o Johnny, mas o luar não o afetava de nenhuma forma.

O Ben, por outro lado, sentiu um arrepio de medo ao sair para a superfície. A fortaleza do Logan erguia-se à sua frente, tão imponente como sempre, com os seus estandartes vermelhos e negros com caveiras e ossos, e cabeças de zombies espetadas em postes. As cabeças estavam viradas para o planalto mais à frente, encarando-o com olhares vazios e sem vida.

O Ben tapou os olhos do Johnny.

— Não olhes. Ainda ficas com pesadelos.

O Johnny tentou morder a mão do Ben.

— Ah, pois — retorquiu o Ben. — Tu és o pesadelo.

Foi então que o olhar do Ben recaiu sobre algo *verdadeiramente* ameaçador. A meio caminho da fortaleza viam-se figuras a movimentarem-se em frente a uma janela iluminada. Mesmo de longe, o Ben reconheceu-as.

— Machada e Cambalhota — disse ele. — Os capangas do Logan. — Aquela dupla era perigosa, imprevisível e cruel. A fortaleza não era o porto seguro que o Ben esperara.

Mas *fora* da fortaleza também não era seguro. Examinou atentamente a escuridão em busca de inimigos. Sabia que era apenas uma questão de tempo até ser atacado por alguma espécie de criatura.

— Ora, bolas viscosas — sussurrou. — Tens alguma ideia, Johnny?

O jovem zombie limitou-se a soltar um grunhido.

Não era a primeira vez (nem seria a última) que desejava que a Bobbie estivesse ali com eles. Porque nesta altura, estava a considerar atacar dois lutadores experientes no seu próprio território. Dava-lhe jeito ter algum apoio.

Ou melhor ainda: dava-lhe jeito ter alguém que o dissuadis-se de avançar com aquele plano.

## CAPÍTULO 4

**A** Bobbie nunca tinha sido muito dada a correr riscos. Até há pouco tempo, ver o Johnny a saltar em cima de uma cama seria o suficiente para deixá-la nervosa. E se ele caísse e batesse com a cabeça? E se partisse a cama, e enquanto a Bobbie estivesse a cortar lã para fazer uma nova, ela magoasse uma das ovelhas da aldeia por acidente?

Mas toda a vida da Bobbie tinha sido virada do avesso desde a noite do ataque dos zombies. E correr riscos? Agora, isso fazia parte de se querer manter viva!

Mas isso não queria dizer que tivesse de ser imprudente.

Esperou até o Outro Ben adormecer antes de avançar. Foi fácil saber quando o sono finalmente o tinha vencido. O Outro Ben não ressonava, mas revirava-se e esperneava na cama, como se estivesse a tentar fugir a um mob hostil que o perseguia nos seus sonhos. Era provavelmente o resultado de passar tantas horas próximo de uma horda de zombies

esfomeados. Era o tipo de situação que podia deixar uma pessoa ansiosa.

Mas o Outro Ben estava preocupado com as coisas erradas. Os zombies não podiam apanhá-lo enquanto ele dormia, mas a Bobbie sim. Ele não tinha ideia de que ela estava próxima... cada vez mais próxima.

O seu plano era simples. Se conseguisse roubar os ovos de tartaruga que o Outro Ben usava para fazer avançar os zombies, então a marcha da horda seria travada. Talvez o Logan tivesse de deixar os zombies para trás enquanto procurava novos ovos na superfície. E, enquanto isso, a Bobbie poderia encontrar uma solução mais permanente. Talvez levasse a horda a segui-la, e assim poderia manter os zombies em segurança enquanto procurava as maçãs douradas de que precisava para curá-los.

A primeira prioridade: tirar os ovos ao Outro Ben.

Subitamente, a Bobbie detetou um movimento pelo canto do olho. Algo estava a descer do teto, passando por ela e indo na direção do Outro Ben e do amontoado de zombies atrás dele.

Era um morcego. Os morcegos eram hostis? A Bobbie não tinha a certeza, mas sabia que eles faziam barulho, e a última coisa que ela queria era que o Outro Ben acordasse e a visse agachada no meio do túnel.

Tinha menos de um segundo para tomar uma decisão. Será que devia correr de volta para o seu esconderijo? Ou tentar travar o morcego antes que ele causasse confusão?

A decisão era fácil. Se voltasse para trás agora, teria de esperar mais um dia para avançar. E quantos mais dias é que teria antes que o Logan levasse o seu exército a atacar o próximo alvo?

A Bobbie agiu com rapidez, sacando de uma picareta de diamante do inventário. As picaretas não eram armas, mas qualquer ferramenta de diamante seria suficiente para lidar com um mero morcego. E o tempo urgia.

Ela saltou para cima do morcego e desferiu um golpe largo.

A picareta embateu no seu alvo, derrubando o morcego do ar. Foi quanto bastou: o morcego desapareceu numa pequena nuvem de pó.

Sentiu uma pontada de orgulho. O morcego não era propriamente um inimigo temível, mas encarou aquele confronto como prova de que os seus dotes de combate tinham melhorado. Não gostava muito de lutar, mas ao mesmo tempo tinha a sensação que teria de o fazer bastantes vezes no futuro.

O que a levou à sua próxima questão: como é que iria lidar com o Outro Ben? Será que tirar-lhe os ovos de tartaruga seria mesmo suficiente para travar os planos do Logan?

Aproximou-se do rapaz adormecido. Ele tinha-se deitado com a sua armadura de couro vestida. A armadura ficava-lhe larga, quase como estivesse a engoli-lo. Como se fosse uma criança vestida com roupa de adulto.

Mas ele não era uma criança. Era um aliado do Logan. E o que o Logan estava a planear... não seria possível sem o Outro Ben.

A Bobbie desviou os olhos da armadura de baixo nível do rapaz para a sua picareta de alto nível. A ferramenta de diamante seria capaz de perfurar couro como uma tesoura cortaria lã.

E teve de se perguntar: até onde estaria ela disposta a ir para travar o Logan?



**A** Bobbie tem uma missão. O Ben tem um zombie para tomar conta. E nenhum dos dois sabe no que se meteu...

Enquanto a Bobbie continua a sua luta para impedir o Logan e a sua horda de zombies de conquistar o Overworld, o Ben faz de ama e toma conta do irmão da Bobbie, o Johnny, que foi transformado em nada mais, nada menos do que um... zombie!

Mas é quando o Ben descobre o diário secreto do Logan que começa a verdadeira corrida contra o tempo. Conseguirá o Ben encontrar a Bobbie a tempo de salvar o próximo alvo do Logan? E o Johnny, será que vai deixar de ter fome de cérebros?

**NINGUÉM ESTÁ COMPLETAMENTE SEGURO,  
OS ZOMBIES ANDAM AÍ! CUIDADO!**

LÊ TAMBÉM:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt

penguinkidspt

10+

ISBN: 978-989-583-596-6

